

## Introdução

“Adotar uma criança não é somente a sequência lógica dos procedimentos médicos; é um ato que deve ser relacionado a uma certa maturidade, uma certa disponibilidade psíquica que permite ao casal abrir-se para acolher em seu seio uma criança que não viria mais reparar uma injustiça ou suprir uma falta, mas, antes, em seu lugar no desejo de um casal” (HAMAD, 2001, p.84)

A presente dissertação tem como ponto de partida, pensar como vem sendo tratada, na contemporaneidade, a questão da adoção, e os assuntos relacionados a essa temática, com ênfase em questões jurídicas e psicológicas, eventos que incluem cada vez mais a participação da sociedade civil organizada e de diversos meios de comunicação. Em nossa análise desdobraremos o conceito de adoção ampliando-o e procurando pensar a adoção tardia com os preconceitos revelados, procurando instigar a sociedade a refletir sobre esta temática.

Minha primeira experiência com crianças disponíveis para a adoção, iniciou-se em 1990, no México, onde morei por 8 anos, acompanhando meu marido em sua atividade profissional. Foi um trabalho voluntário numa instituição não governamental, a casa Amigo Daniel, que abrigava crianças de zero a seis anos de idade deixadas por seus pais, que não tinham condições de mantê-las. Essa entrega de seus filhos à referida instituição ocorria de maneira bastante prática, sem qualquer constrangimento e amparo legal nesse primeiro momento. Necessitava-se apenas de uma declaração escrita da mãe na qual explicitava o desejo de doar seu filho por não podê-lo criar.

Vivendo longe dos familiares, resolvi fazer um trabalho voluntário nesse orfanato perto de minha casa e, com isso, adquiri muitas experiências e um grande desejo de aprimorar meus conhecimentos sobre o aspecto emocional das crianças, em especial, das crianças disponíveis para a adoção. Depois de um ano envolvida com a instituição, passei a integrar a equipe formada por voluntários, tais como, psicóloga, assistente social, pediatra, dentista dentre outros profissionais. Foi nesta época que pude constatar, com mais profundidade, muitas das dificuldades que existem na adoção de crianças maiores. Os pais candidatos à adoção com os

quais trabalhei eram, em sua maioria absoluta, pretendentes a um bebê do sexo feminino que não fosse mestiço.

O caso de Lupita, uma menina linda de dois anos e meio, que havia sido deixada por sua mãe quando tinha apenas nove meses de idade, envolveu-me de uma maneira muito especial. Por dois anos, passou com minha família as férias participando de todas as festividades. Era acolhida amorosamente por meus três filhos como mais um membro da família. Dessa convivência, com nossa família, em pouco tempo, Lupita deixou explícito através de abraços afetuosos, gestos de amor, e, em especial em relação mim, o seu desejo de amar e ser amada. Passei a ser em sua vida um referencial, possivelmente, materno. Este tipo de apadrinhamento no México é muito comum e permite um relacionamento com crianças que vivem em asilos. A ajuda pode ser financeira e emocional. A família tem acesso à criança no seu tempo livre, compartilha momentos agradáveis, como também contribui com a educação sempre que possível. Tudo isso é compartilhado com o orfanato, não atrapalhando sua vida pessoal ou profissional quando ao mesmo tempo cria, um vínculo afetivo e familiar com a criança.

Infelizmente, Lupita não estava disponível para adoção já que sua mãe visitava a instituição uma vez por ano, cumprindo assim o requisito da justiça para não perder a guarda da menina. Era essa a única exigência legal: o comparecimento da mãe, anualmente, à instituição como uma metáfora de contrato. Dois anos depois de ter deixado o México, tive a grande notícia de que Lupita e sua irmã mais velha haviam sido adotadas por um casal de canadenses. O casal passou três semanas na cidade para conhecer melhor as meninas antes de levá-las para o Canadá. Hoje Lupita tem 17 anos, fala francês fluentemente como uma jovem de Quebec, esqueceu o espanhol e deixou para trás seus anos de abandono.

Diante das experiências vividas nesta instituição, pude constatar as dificuldades que envolvem os processos de adoção nos âmbitos jurídico, social, psicológico e familiar. Percebi, também a prevalência de uma cultura repleta de mitos, medos e expectativas que acabam tornando-se comum e ganham força, justificando uma concepção negativa da adoção.

Recordo-me de algumas manifestações de amigos ao me verem passear com Lupita pela cidade em que vivíamos. Não entendiam tal atitude, me

questionavam sobre a origem da criança, o tempo que vivia na instituição, seus pais biológicos e suas marcas psicológicas por viver em um abrigo. De fato eu não compreendia o porquê de minha atitude causar tanto espanto. Com isso, resolvi me dedicar a esse estudo em busca de uma reflexão mais profunda sobre as questões inerentes à adoção.

Em 13 de julho de 1990, foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com o propósito de garantir uma proteção maior à criança abandonada e necessitada de uma família.

Art.19 – Toda criança ou adolescente tem o direito a ser criado e educado no seio da sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes. (ECA-L-008.069.1990)

Preferencialmente, a família onde nasce a criança deve ser a provedora da sua educação e segurança. Na ausência de condições que assegurem o bem estar da criança junto aos pais, buscar-se-á uma família substituta para cumprir esse papel. Pasados quase vinte anos da criação do ECA, no dia 3 de novembro de 2009, uma nova lei entrou em vigor no Brasil, objetivando facilitar os processos de adoção e impedir que as crianças permaneçam abrigadas por muitos anos, diminuindo as chances de uma adoção em virtude de as famílias preferirem crianças pequenas. A nova lei determina que toda criança ou adolescente que estiver vivendo em uma instituição por mais de dois anos terá a sua situação reavaliada e não poderá ir além desse período de permanência.

Apesar de reconhecermos mudanças significativas na sociedade, ainda não vencemos uma série de aspectos confusos que mantêm entre si uma relação de interdependência. Dando sequência às minhas investigações, pude perceber que, no imaginário popular, preconceitos, crenças e mitos dificultam a concretização de adoções, em especial, da adoção tardia. Refletindo sobre algumas celebridades que vivenciaram o processo de adoção podemos nos perguntar: será que a Madona, passeando com Lupita, causaria tanto espanto? Como reagem as pessoas quando vêem celebridades assumirem uma criança como filha, independente de sua idade, de sua origem ou de sua história de vida? Esses comportamentos de celebridades, como Madona, Angelina Jolie e, aqui no Brasil, a jornalista Glória

Maria, têm sido motivadores para a discussão da adoção tardia graças à visibilidade das pessoas envolvidas na questão.

Atuando como facilitadora em grupos de apoio à adoção e em algumas instituições, tanto com futuros pais adotivos quanto com pais que já adotaram, constato a questão da dificuldade que a criança maior enfrenta para encontrar uma família. A maioria dos casais pretendentes à adoção idealiza um bebê recém-nascido. Uma criança que possa ser “moldada” aos costumes e regras da família, que tenha os traços físicos do casal, de preferência, que seja menina, de olhos claros e que não apresente nada, em sua constituição física, que possa lembrar que o filho não é biológico. Essa é a adoção idealizada.

Para os futuros pais adotivos, uma criança que tenha passado por um abrigo e que já não seja um bebê representa a realidade “concreta” de problemas futuros. As queixas e os medos, cercados de preconceitos são sempre os mesmos. Há casais que chegam a desistir da idéia de adotar quando se vêem longe de atingir seus objetivos diante das crianças disponíveis, tendo que vivenciar uma adoção real.

Junto a isso, percebo também que não são somente os casais pretendentes que expressam esse medo com relação à adoção de uma criança que não seja bebê, mas também a família composta de avós, tios, irmãos e os amigos. Essas pessoas, muitas vezes, desestimulam o casal a realizar a adoção de uma criança maior.

As idéias negativas relacionadas a esse tipo de adoção e a falta de maior esclarecimento sobre o assunto reduzem o número de adotantes e aumentam o número de crianças e adolescentes institucionalizados que aguardam uma família substituta. Segundo pesquisa da Associação Terra dos Homens, uma instituição no Rio de Janeiro, que dá apoio à adoção, apenas 10% das famílias pretendentes à adoção estão abertas a acolher uma criança de 5 anos de idade, sendo que 90% dos candidatos seguem esperando bebês com menos de um ano, sendo que as crianças nessa faixa etária representam apenas 0,47%. Um verdadeiro descompasso entre as partes envolvidas.

Ao ouvir frases que circulam pela sociedade no imaginário dos pais como: “queremos viver a experiência da parentalidade desde o começo”, ou então “uma criança maior não terá o estilo de nossa família, ela já vem cheia de problemas com os quais não saberemos lidar”, “acho que não poderemos amar uma criança

maior da mesma maneira que amaríamos um bebê”, ou simplesmente, “temos medo”, faz-se evidente a grande necessidade de uma pesquisa mais detalhada com as famílias adotivas, dando voz a um grupo de pessoas que vivenciaram, como pais ou como filhos, as experiências e os momentos críticos de uma nova relação familiar.

Como ressalta Fernando Freire(1991), o que os pais adotivos fazem na verdade, é transformar “crianças” em “filhos, reinventar a família, tornando a família adotiva uma família inventada pela cultura e pelos afetos”. Nada há de mais verdadeiro do que transformar crianças, independentemente de suas idades, em filhos. Novos vínculos podem acontecer, novas configurações familiares podem se formar entre as pessoas que não estão ligadas biologicamente. Esse é o propósito da adoção.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a vivência de pais e filhos na adoção tardia e possibilitar um maior entendimento sobre os entraves que levam muitos dos desejantes à adoção a desistirem de adotar uma criança maior, colaborando, de alguma forma, para que menos crianças sejam olhadas como sujeitos. Além disso, temos o desejo de despertar o sentimento do leitor para um fator de suma importância na atualidade que é o direito de uma criança ter uma família.

No segundo capítulo, abordamos primeiramente, a adoção através da evolução histórica, com a intenção de familiarizar o leitor com esse tema intrigante, cuja profundidade, às vezes, nos escapa, como também de analisar o conceito de adoção. Num segundo momento, objetivamos enfocar a adoção tardia, e por fim os preconceitos, juntamente com mitos e crenças sobre a adoção.

No terceiro capítulo, discutiremos a questão da organização familiar na adoção, quando os pais adotivos recebem uma criança que não foi gerada biologicamente por eles e que chega como um “estranho”. Trata-se do nascimento de uma nova configuração familiar.

No capítulo quatro, apresentaremos a descrição da metodologia utilizada. A coleta de dados para a pesquisa foi realizada no estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 2009 e 2010. Foram participantes deste estudo três mães adotantes, três pais adotantes e três filhos, não havendo entre eles nenhuma relação de

parentesco. Os filhos adotivos tinham entre seis e quatorze anos na época de sua adoção.

Para a avaliação dos dados obtidos, utilizamos o método de análise de conteúdo. Do discurso dos entrevistados, emergiram cinco categorias: 1) *a motivação dos pais para adotar*; 2) *o preconceito na adoção*; 3) *o processo jurídico na adoção*; 4) *a importância dos grupos de apoio à adoção*; 5) *a criança na nova família*.

Finalizando este estudo, apresentaremos algumas considerações finais, articulando os pressupostos iniciais e os resultados obtidos, além de proposta de novas pesquisas que estejam direta ou indiretamente ligadas à adoção tardia.

Começaremos, então, este nosso caminho tentando compreender mais profundamente a complexidade da adoção tardia, não pretendendo esgotar as questões sempre surgidas dentro deste universo.